

Perfil psicológico de prestação de jogadores profissionais de futebol do Brasil

Álvaro C. Mahl¹
José Vasconcelos Raposo²

<https://doi.org/10.5628/rpcd.07.01.80>

RESUMO

O propósito do presente trabalho foi avaliar o perfil psicológico de prestação de jogadores profissionais de futebol brasileiros tal como aferido pelas variáveis auto-confiança, negativismo, atenção, motivação, imagética, positividade e atitude competitiva. A amostra consistiu em 529 jogadores: 266 jogavam a nível regional e 263 no campeonato nacional. O instrumento utilizado foi o desenvolvido por Loher e validado para atletas brasileiros por Vasconcelos Raposo. Com os dados da presente amostra foi elaborada uma análise factorial confirmatória. Os índices de adequação obtidos foram: $X^2/df=2.145$; $GFI= 0.87$; $CFI= 0.907$; e o $RSMEA=0.047$. Apenas na variável positividade é que os jogadores apresentaram valores superiores a 26. O perfil psicológico de prestação identificado sugere que os atletas de algum se preparam mentalmente para a competição, mas que não fazem de uma forma sistemática. Os atletas de nível nacional apresentaram valores superiores aos do escalão inferior. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis auto-confiança, negativismo, atenção e motivação. Os resultados deste estudo demonstraram que os anos de experiência competitiva se correlacionam positivamente com as variáveis do perfil psicológico de prestação.

Palavras-chave: habilidades psicológicas, perfil psicológico de prestação, futebolistas profissionais brasileiros.

¹ Universidade do Oeste de Santa Catarina
Brasil

² Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano ,
Actividade Física e Saúde
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Portugal

ABSTRACT

Performance psychological profile of Brazilian professional soccer players

The aim of the present research was to evaluate the psychological performance of professional Brazilian soccer players has measured by self-confidence, negativity, attention, motivation, imagery, positivity and competitive attitude. The sample consisted of 529 players: 266 played at the regional and 263 competed at the national championships. The instrument used was the Performance Psychological Profile Questionnaire, first developed by Loher and translated and validated for Brazilian athletes by Vasconcelos-Raposo. A further confirmatory factor analysis was conducted based on the data gathered for this study. The following values were obtained: $X^2/df= 2.145$; $GFI= 0.87$; $CFI= 0.907$; and the $RSMEA= 0.047$. Only at the level of positivity, athletes presented values above 26. The identified psychological profile suggests that athletes prepare themselves for the competition; however this is not done in systematically. Athletes that competed at the national level presented a better psychological profile. Statistically significant differences were identified only at the level of: self-confidence, negativity, attention, and motivation. This study also demonstrated that playing years of experience was positively correlated with the performance psychological profile.

Key-words: *psychological skills, performance psychological profile, Brazilian professional soccer players*

INTRODUÇÃO

O desporto de alto rendimento exige do atleta uma dedicação intensa, para obter os melhores níveis de desempenho, que o possibilitará alcançar os resultados esperados: as vitórias pessoais ou colectivas.

Vasconcelos-Raposo ⁽⁴¹⁾, discorrendo sobre a importância da “psicologia como a área onde se pode obter ganhos mais significativos” (p.6), apresenta a ideia de que “é possível desenvolver as capacidades humanas a níveis que ainda nos são desconhecidas” (p.6), sendo o treino mental o “método que visa maximizar o uso pleno das capacidades humanas, fazendo com que sejam minimizados, e de preferência neutralizados, os elementos negativos ao rendimento do atleta” (p.18).

Para poder planear programas de treino psicológico é necessário saber se existe um estado psicológico característico que permita aos atletas alcançarem o seu melhor rendimento. Para averiguar isso, realizaram-se distintas investigações nas quais se tem procurado informações sobre os pensamentos e sentimentos que os atletas possuem nos momentos de execução máxima ^(6, 17, 19, 20, 23). Ademais, diversos autores têm enumerado uma série de atribuições e variáveis que caracterizam o estado psicológico óptimo de um atleta ^(7, 8, 11, 14, 20, 31, 37, 38, 39, 46).

Além disto, Williams ⁽⁴⁶⁾ refere investigações pioneiras, que através de testes e objectos padronizados, analisaram as características psicológicas que distinguem os atletas que triunfam daqueles que não o conseguem. Os resultados indicaram a existência de uma série de características que estão presentes nos desportistas de elite: autoconfiança, atenção e negativismo. Pensgaard e Duda ⁽³²⁾, num estudo com a equipa norueguesa de futebol feminino, que disputou os jogos olímpicos de Sidney em 2000, verificaram como factores principais que levaram esta selecção à conquista da medalha de ouro (mesmo após uma derrota logo no primeiro jogo) as seguintes variáveis: *coping strategies* e manutenção de respostas positivas nas expectativas de resultados, traduzidas como “trabalho duro” (atitude competitiva) e comprometimento com o objectivo maior da conquista olímpica.

Jones, Hanton e Connaughton ⁽²¹⁾ salientaram as características de uma performance mentalmente forte conforme verificámos na literatura, sendo elas: altos níveis de optimismo, autoconfiança, auto-esti-

ma ^(1, 10, 15, 18, 24, 30, 47); consistência de execução ^(16, 41); vontade, determinação e comprometimento ^(1, 15, 18); foco e concentração ^(15, 16); força de vontade, controlo, motivação e coragem ^(1, 10, 16, 18, 47).

Os resultados desta pesquisa qualitativa ⁽²¹⁾ sugeriram que o “*mental toughness*” é a margem psicológica natural ou desenvolvida que permite ao sujeito, geralmente, enfrentar melhor que os seus oponentes as várias exigências de situações desportivas sobre o desempenho e, especificamente, ser mais consistente e melhor que eles no que se refere a permanecer determinado, focado, confiante e com controlo quando sob pressão. Os atributos salientados como ideais de um desempenho mentalmente forte foram: autoconfiança, vontade e motivação, foco (relacionado ao desempenho), foco (relacionado ao estilo de vida), saber lidar com pressões (externo) e negativismo (interno) relacionadas com a competição, e saber lidar com aflições físicas e emocionais.

Loehr ^(23, 24, 25) afirma que *mental toughness* é a capacidade de sustentar consistentemente um estado ideal de performance durante a competição diante todas as suas adversidades; é avaliada pela consistência da performance. Também afirma que tais habilidades são aprendidas e não inatas, sendo oportuno um treino psicológico para o seu desenvolvimento. Rotta, Pacheco, Ortiz e Costa ⁽³³⁾, a partir de um levantamento dos aspectos das habilidades psicológicas e de uma análise das diferenciações destas entre culturas de modalidades desportivas, verificaram diferenças entre os desportos colectivos de contacto (basquetebol) e os colectivos sem embate directo (voleibol) e, ainda, diferenças entre os desportos individuais (natação, remo) e os individuais com contacto (judo). As especificidades das diferentes modalidades no seu processo de treino desportivo priorizavam a aprendizagem de algumas habilidades psicológicas em detrimento de outras.

Weinberg e Gould ⁽⁴⁴⁾, defendem que “todos nós nascemos com certas predisposições físicas e psicológicas, mas as habilidades podem ser aprendidas e desenvolvidas, dependendo das experiências que encontramos em nossas vidas” (p.250). Por sua vez, Vasconcelos-Raposo ⁽⁴¹⁾, procurando verificar o processo pelo qual alguns atletas olímpicos portugueses desenvolveram os seus respectivos perfis psicossócio-culturais com que se apresentaram em 1991 -

1992 e como estes diferiam dos demais atletas portugueses de vários escalões competitivos, contemplou a caracterização de diversas variáveis aos níveis físico, social, psicológico e moral, além de referir a orientação cognitiva dos atletas como variáveis diferenciadoras. Ao identificar o perfil psico-sócio-cultural dos atletas olímpicos portugueses quanto às habilidades psicológicas, deu atenção às variáveis apontadas por Loehr (23, 24, 25), sendo elas: autoconfiança, negativismo, atenção, visualização, motivação, pensamentos positivos e atitude competitiva. Os resultados deste estudo evidenciaram que os atletas com maior controlo sobre estas componentes do perfil psicológico de prestação obtinham melhores resultados competitivos nas competições em que participavam. As variáveis que mais diferenciaram os atletas entre si foram a autoconfiança, visualização e atenção. A habilidade psicológica com mais fraco desenvolvimento foi o controlo do negativismo que, segundo o autor do trabalho, reflectiu a orientação cultural do sistema desportivo português.

Além destas, quando comparou os grupos (de modalidades individuais) de distintos níveis competitivos, nomeadamente: mundial, elite, e geral (aqueles que não se qualificaram para integrar a equipa olímpica, apesar de entre eles existirem campeões nacionais), identificou que aquilo que mais diferenciou os atletas entre si foram os factores inerentes aos processos de aprendizagem e não a pré-determinados traços de personalidade.

Vasconcelos-Raposo (41) refere que “mais anos de treino tendem a conduzir a uma maior capacidade de esforço, resistência e empenhamento por parte dos indivíduos” (p. 174), complementando com uma importante consideração: “à medida que o indivíduo se torna mais maturo, maior parece ser o seu empenhamento no desenvolvimento e aperfeiçoamento das suas habilidades” (p.39).

Golby, Sheard e Lavalee (12) afirmam que uma série de pesquisas tem mostrado que o treino mental pode ser efectivo no desenvolvimento da performance atlética e que esta seria, por sua vez, influenciada positivamente por estados afectivos e cognitivos. Este autor afirma, ainda, que as habilidades mentais e os atributos psicológicos que constituem uma “robustez” mental têm repetidamente sido associados com rendimentos superiores no desporto.

Outras pesquisas, utilizando o PPP identificaram as mesmas variáveis psicológicas sugeridas por Golby como sendo as que melhor se associam aos resultados competitivos (2, 3, 5, 12, 13, 22, 26, 34, 35, 36, 42).

Os objectivos do presente trabalho foram: 1- caracterizar o perfil psicológico do jogador de futebol brasileiro; 2- comparar os jogadores em função das seguintes variáveis independentes: A) nível competitivo; B) divisão competitiva em que participam; C) posição de jogo que ocupam; 3- comprovar a proposta teórica de Vasconcelos-Raposo que os anos de experiência competitiva se correlacionam positivamente com as variáveis psicológicas de prestação avaliadas no presente estudo.

METODOLOGIA

Neste estudo contemplam-se 529 sujeitos do sexo masculino, praticantes de futebol profissional no Brasil com idades compreendidas entre 16 e 39 anos. O tempo médio de experiência dos sujeitos enquanto atletas oscila entre 2 e 27 anos.

Destes 529 atletas, 59 (11,2%) são guarda-redes, 178 actuam na defesa (33,6%), 169 (31,9%) são de meio-campo, e 123 (23,2%) são atacantes. Dos 266 atletas Regionais (50,3%), 153 actuam em equipas da 2ª divisão e 113 em equipas da 1ª divisão. Entre os 263 que integram equipas Nacionais (49,7%), 169 estão incluídos na 2ª divisão e 94 em equipas de 1ª divisão. A técnica de amostragem utilizada foi a de conveniência, uma vez que foram encontradas múltiplas dificuldades no processo de acesso aos atletas sem por em causa os princípios éticos que orientam a prática da investigação científica.

Instrumento

O PPP (Perfil Psicológico de Prestação) foi desenvolvido por Loher (25) e no presente estudo foi aplicado na versão traduzida e validada para a língua portuguesa por Vasconcelos-Raposo e col. (40) e com base nos dados do presente estudo o mesmo levou a cabo uma análise factorial confirmatória para uma amostra de jogadores de futebol brasileiros cujos resultados são abaixo apresentados.

O questionário consiste de 42 itens agrupados em 7 factores: autoconfiança, negativismo, atenção, visualização mental, motivação, pensamentos positivos, atitude competitiva. As respostas ao PPP são dadas

numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (1= “quase sempre” até ao 5= “quase nunca”). A avaliação das respostas obtém-se através do cálculo da média dos itens correspondentes a cada escala.

Ao logo do processo da revisão da literatura, para o presente estudo, constatamos que os estudos que se fundamentaram no instrumento escolhido incide na produtividade de um número muito reduzido de autores, daí que sejam extensivamente citados no presente trabalho

Procedimentos

Para os cálculos estatísticos utilizámos o programa estatístico SPSS 12.0.

Para determinar a consistência da estrutura factorial do *PPP*, realizámos uma análise factorial exploratória (AFE). Antes da realização da AFE recorremos aos testes de *Kaiser-Meyer-Olkin* e de esfericidade de *Bartlett* para avaliar a existência de correlações lineares significativas entre as variáveis, condição para a realização da análise factorial exploratória. A partir da AFE foram eliminados os itens com peso factorial inferior a 0,4 e/ou que estivessem representados em mais de um factor. Após a AFE, recorremos a uma análise factorial confirmatória (AFC) para obtermos os índices de ajustamento da estrutura factorial obtida através da AFE. Os indicadores de ajustamento que seleccionamos para os propósitos do presente trabalho e os valores obtidos e que nos permitiram aceitar a estrutura foram: $\chi^2/gl.=2.145$, $GFI=0,877$; $CFI=0,907$, e $RSMEA=0,047$. Tanto a AFE como a AFC permitiram-nos aceitar a estrutura proposta uma vez que os resultados dos estudos a que tivemos acesso evidenciam que o *PPP* apresenta bons indicadores de validade preditiva.

No que se refere ao cálculo da significância das diferenças entre médias utilizámos as técnicas de estatística paramétrica, a serem o teste “t” de *student* (para nível competitivo) e/ou a ANOVA *one way* (para divisão e posições), de acordo com o número de grupos formados a partir das variáveis independentes. O nível de significância adoptado foi o de $p \leq 0.05$. Para verificar a influência da idade e do tempo de experiência procedeu-se a correlação de Pearson, obtendo-se níveis de significância à $p < 0.05$ ou à $p < 0.01$, assim como quanto à verificação da correlação entre as variáveis dependentes.

RESULTADOS

Nesta secção do trabalho apresentamos os resultados obtidos de acordo com seguinte critério. Em primeiro lugar apresentamos a estatística descritiva das comparações feitas em função do nível competitivo, depois por divisão de competição e por último comparamos os diferentes perfis psicológicos.

Comparação dos perfis de psicológicos de prestação por nível competitivo

Verifica-se que o grupo de atletas Nacionais apresentou valores médios mais elevados em todas as variáveis do que aqueles que integraram equipas Regionais (Quadro 1).

Quadro 1. Comparação entre os atletas de nível Nacional e os de nível regional quanto às variáveis do perfil psicológico de prestação

Variável dependente	Nível competitivo	N (529)	Média (DP)
Auto-confiança	Regional	266	25,39 (3,05)
	Nacional	263	26,55 (2,93)
Negativismo	Regional	266	18,26 (2,77)
	Nacional	263	19,34 (2,75)
Atenção	Regional	266	16,19 (2,33)
	Nacional	263	16,72 (2,26)
Visualização	Regional	266	24,77 (2,99)
	Nacional	263	25,08 (3,21)
Motivação	Regional	266	25,33 (3,02)
	Nacional	263	26,48 (2,69)
Pensamentos positivos	Regional	266	21,81 (2,34)
	Nacional	263	22,23 (2,68)
Atitude competitiva	Regional	266	24,75 (3,15)
	Nacional	263	24,76 (3,18)

Considerando-se os dois grupos de análise juntos, os valores médios totais foram: autoconfiança, 25.97; negativismo, 18.80; atenção, 16.45; visualização mental, 24.93; motivação, 25.90; pensamentos positivos, 22.02; atitude competitiva, 24.76.

Os atletas que integram o grupo Nacional apresentaram índices mais elevados do que os atletas do grupo Regional nas variáveis autoconfiança ($p=0.000$, $t= -4.447$), negativismo ($p=0.01$, $t= -4.489$), atenção ($p=0.008$, $t=-2.655$) e motivação ($p=0.253$, $t=-1.145$).

Comparação dos perfis de psicológicos de prestação por divisão

Os valores médios apresentados pelos atletas das diferentes divisões encontram-se no Quadro 2. Com a realização da ANOVA simples identificámos diferenças significativas nas seguintes variáveis: autoconfiança ($p=0.000$, $F=6.919$); negativismo ($p=0.000$, $F=7.044$); atenção ($p=0.024$, $F=3.184$); e motivação ($p=0.000$, $F=7.286$). Entretanto, não se identificaram diferenças nas variáveis restantes: visualização mental ($p=0.362$, $F=1.068$); pensamentos positivos ($p=0.208$, $F=1.523$); e atitude competitiva ($p=0.851$, $F=0.264$).

Quadro 2. Comparação entre as divisões do nível competitivo dos atletas quanto às variáveis do perfil psicológico de prestação

Variável dependente	Nível competitivo	N (529)	Média (DP)
Autoconfiança	2ª Regional	153	25,24 (3,26)
	1ª Regional	113	25,61 (2,75)
	2ª Nacional	169	26,58 (2,98)
	1ª Nacional	94	26,51 (2,84)
Negativismo	2ª Regional	153	18,21 (2,83)
	1ª Regional	113	18,34 (2,72)
	2ª Nacional	169	19,46 (2,76)
	1ª Nacional	94	19,13 (2,81)
Atenção	2ª Regional	153	16,03 (2,41)
	1ª Regional	113	16,42 (2,21)
	2ª Nacional	169	16,64 (2,35)
	1ª Nacional	94	16,87 (2,10)
Visualização	2ª Regional	153	24,58 (3,12)
	1ª Regional	113	25,04 (2,82)
	2ª Nacional	169	24,98 (3,29)
	1ª Nacional	94	25,27 (3,07)
Motivação	2ª Regional	153	25,22 (3,09)
	1ª Regional	113	25,48 (2,92)
	2ª Nacional	169	26,43 (2,88)
	1ª Nacional	94	26,56 (2,34)
Pensamento positivos	2ª Regional	153	21,69 (2,51)
	1ª Regional	113	21,97 (2,06)
	2ª Nacional	169	22,49 (2,74)
	1ª Nacional	94	22,19 (2,57)
Atitude competitiva	2ª Regional	153	24,71 (3,28)
	1ª Regional	113	24,83 (2,99)
	2ª Nacional	169	24,88 (3,19)
	1ª Nacional	94	24,54 (3,16)

Quanto à autoconfiança, o grupo da 2ª Divisão Regional apresentou índices significativamente inferiores aos grupos da 2ª Divisão Nacional ($p=0.000$) e da 1ª Divisão Nacional ($p=0.007$). Além destas, também encontramos diferenças entre o grupo da 2ª Divisão Regional e 2ª Divisão Nacional ($p=0.040$) com os menores índices no primeiro grupo. Quanto ao negativismo, verificaram-se diferenças entre o grupo da 2ª divisão regional e o grupo da 1ª divisão nacional, com $p=0.000$; e também foram encontradas diferenças entre o grupo da 1ª divisão regional e 2ª divisão nacional, com $p=0.005$. Ao nível da variável atenção, identificámos diferenças entre os grupos 2ª Regional e 1ª Nacional ($p=0.026$).

Por fim, na variável motivação, constatámos uma diferença entre o grupo denominado 2ª Regional e os grupos 2ª Nacional ($p=0.001$) e 1ª Nacional ($p=0.002$). Também foram identificadas diferenças entre o grupo da divisão 1ª Regional e os grupos da divisão 2ª Nacional ($p=0.032$) e o da divisão 1ª Nacional ($p=0.035$).

Comparação dos perfis de psicológicos de prestação por posição de jogo

Os valores médios apresentados pelos guarda-redes/goleiros, defesas, meio-campistas e atacantes encontram-se no Quadro 3.

Quadro 3. Comparação entre as posições dos atletas quanto às variáveis do perfil psicológico de prestação

Variável dependente	Posição	N (529)	Média (DP)
Autoconfiança	Goleiro	59	26,03 (3,07)
	Defesa	178	26,11 (3,00)
	Meio-campo	169	25,84 (3,15)
	Atacante	123	25,97 (3,04)
Negativismo	Goleiro	59	19,22 (2,53)
	Defesa	178	18,54 (2,70)
	Meio-campo	169	18,88 (2,94)
	Atacante	123	18,86 (2,92)
Atenção	Goleiro	59	17,24 (1,96)
	Defesa	178	16,52 (2,19)
	Meio-campo	169	16,15 (2,50)
	Atacante	123	16,39 (2,28)
Visualização	Goleiro	59	25,03 (2,59)
	Defesa	178	24,43 (3,14)
	Meio-campo	169	25,31 (2,74)
	Atacante	123	25,06 (3,639)
Motivação	Goleiro	59	25,97 (2,64)
	Defesa	178	25,90 (2,87)
	Meio-campo	169	26,05 (2,84)
	Atacante	123	25,66 (3,22)
Pensamento Positivo	Goleiro	59	21,79 (2,67)
	Defesa	178	22,16 (2,43)
	Meio-campo	169	22,06 (2,549)
	Atacante	123	21,86 (2,55)
Atitude competitiva	Goleiro	59	25,62 (2,77)
	Defesa	178	24,87 (2,70)
	Meio-campo	169	2,48 (3,34)
	Atacante	123	24,57 (3,64)

A consistência dos dados evidencia que os goleiros possuem valores médios mais elevados nas seguintes variáveis: autoconfiança, negativismo, atenção e atitude competitiva. Os atletas de meio-campo possuem médias mais elevadas quanto à visualização mental (imagética) e motivação, e os atletas da defesa possuem médias mais elevadas quanto aos pensamentos positivos.

Com a realização da ANOVA simples identificamos diferenças somente na variável atenção ($p=0.021$, $F=3.281$). Com este procedimento obtivemos os seguintes dados referentes à variável atenção: os

goleiros diferenciaram-se com índices mais elevados do que os atletas de meio-campo ($p=0.011$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os demais grupos.

Correlação entre o tempo de experiência competitiva e as variáveis do PPP

Todas as correlações evidenciaram-se significativas: autoconfiança $r=0.118$ ($p=0.007$), negativismo $r=0.418$ ($p=0.000$), atenção $r=0.335$ ($p=0.000$), visualização mental $r=0.146$ ($p=0.001$), motivação $r=0.261$ ($p=0.000$), pensamentos positivos $r=0.160$, ($p=0.000$), atitude competitiva $r=0.397$ ($p=0.000$).

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Com o objectivo de identificar os níveis de prestação nas variáveis psicológicas, recorremos ao PPP para medir sete (7) variáveis, nomeadamente: autoconfiança, negativismo, atenção, visualização mental, motivação, pensamentos positivos e atitude competitiva.

Os resultados indicaram que os atletas com maiores níveis competitivos possuíam os valores médios mais altos em todas as variáveis.

Em relação às médias gerais destas variáveis psicológicas, comparando os dados deste estudo com os de Vasconcelos-Raposo (42), que investigou o perfil psicológico de prestação de 102 atletas portugueses de futebol profissional, constatámos que os atletas brasileiros apresentaram valores médios superiores em todas as variáveis. Porém, quando comparámos os nossos dados com os de Carvalho e Vasconcelos-Raposo (2) que também investigaram futebolistas portugueses de elite, verificámos que os atletas brasileiros não obtêm valores mais elevados quanto à autoconfiança e motivação. No entanto, cabe salientar que a amostra por nós estudada contempla atletas que competem nacionalmente mas também por aqueles que competem regionalmente, enquanto os outros dois estudos citados investigaram apenas atletas de elite de divisões nacionais.

Deste modo, comparando os nossos dados referentes ao nível competitivo da primeira divisão Nacional do campeonato brasileiro com os resultados das pesquisas realizadas em Portugal (2, 4) que contemplaram nas suas amostras atletas da primeira divisão de futebol em Portugal, encontrámos os seguintes valores médios (Quadro 4).

Os valores apresentados foram colocados em médias gerais porque não seria possível estabelecer comparações directas com os valores médios somados, razão pela qual, no nosso trabalho, alguns itens foram eliminados após uma AFE e AFC. Assim, através de uma média ponderada dos valores, identificámos que aqueles acima de 4.33 equivalem aos 26 valores indicados por Loehr e indicam um bom nível. Os valores abaixo de 3.17 são equivalentes aos 19 valores referidos por Loehr ⁽²⁵⁾ mostram um fraco desenvolvimento no domínio do perfil psicológico de pretensão em causa.

Quadro 4. Valores médios das variáveis do PPP do nosso estudo, Carvalho e Vasconcelos-Raposo⁽²⁾ e Vasconcelos-Raposo⁽⁴²⁾ entre futebolistas de primeira divisão nacional.

Estudos	Presente estudo	Carvalho e Vasconcelos-Raposo	Vasconcelos-Raposo
Autoconfiança	4.42	4.46	4.22
Negativismo	3.83	3.98	3.43
Atenção	4.22	4.17	4.26
Visualização	4.21	3.36	3.72
Motivação	4.43	4.48	4.20
P. Positivos	4.44	3.84	3.98
At. Competitiva	4.09	4.17	4.00

Portanto, estes valores indicam que os atletas brasileiros de elite (1ª divisão do campeonato brasileiro) possuem valores desejáveis, conforme indicados por Loehr ⁽²⁵⁾, quanto as variáveis da autoconfiança, da motivação e dos pensamentos positivos. Segundo a amostra portuguesa ⁽²⁾ as variáveis regularmente utilizadas na preparação psicológica dos atletas são a autoconfiança e a motivação. Já na amostra de um outro estudo⁽⁴²⁾ nenhuma variável apresentou valor superior aos 4.33. Nas demais variáveis, os três estudos indicam que existe algum tipo de preparação mental porém esta não ocorre de forma sistemática. Além disso, notámos que as variáveis que mais distinguem os atletas brasileiros dos portugueses são a visualização/imagética os pensamentos positivos. O presente estudo não nos proporciona dados suficientes para poderemos teorizar sobre as eventuais diferenças encontradas. No entanto, tomando em consideração que na cultura do futebol brasileiro o “jogar bonito” constitui-se como um incentivo à criatividade

de e que esta logo se transforma numa prática persistente, para melhorar a habilidade motora desejada. Neste processo de aprendizagem os indivíduos recorrem, de forma intuitiva, à prática da imagética. Os atletas de *nível competitivo* nacional obtiveram melhores níveis de perfil psicológico de prestação do que aqueles de nível regional. Estes resultados foram similares aos obtidos em outros estudos ^(12, 41) que argumentaram que os atletas com maior controlo sobre as variáveis do *PPP* obtinham melhores prestações. Entretanto, na nossa amostra, constatamos que esta diferença foi significativa em quatro (4) variáveis: autoconfiança, negativismo, atenção e motivação. O que difere em parte dos resultados obtidos num estudo com nadadores em que se encontrou maiores diferenças nas habilidades de autoconfiança, visualização e atenção. Além do mais, concordam, parcialmente, com os resultados ⁽³⁵⁾ que identificaram apenas a variável do negativismo como diferenciadora da prestação em atletas juvenis de basquetebol. Os nossos dados também vão ao encontro dos resultados publicados ⁽¹²⁾ que identificaram as variáveis do negativismo e da atenção como as que mais diferenciaram os níveis competitivos de atletas de elite de rugby. No entanto, importa relativizar as interpretações, uma vez que as diferentes modalidades, tal como praticadas em diferentes países, constituem-se com “culturas desportivas” próprias ⁽³³⁾. Assim, os dados obtidos por estudos levados a cabo em outras modalidades e que também utilizaram o *PPP*, argumentaram que as diferenças ao nível das habilidades psicológicas encontradas se devem às diferentes “culturas de modalidades desportivas”. As especificidades dos desportos, no seu processo de treino desportivo, priorizam a aprendizagem de algumas habilidades psicológicas em detrimento de outras. Os resultados do nosso estudo corroboram os de um outro que também utilizou o *PPP*, para investigar e analisar atletas de futebol de diferentes níveis competitivos. Carvalho e Vasconcelos-Raposo ⁽²⁾ constataram diferenças apenas na variável do negativismo. No entanto, as amostras dos estudos diferem qualitativamente, a amostra do presente estudo foi constituída por atletas de divisões nacionais e regionais enquanto que a outra contemplou atletas das quatro primeiras divisões nacionais; isto quer dizer que a nossa amos-

tra tem uma maior margem de diferença nos níveis competitivos, o que pode ter colaborado para encontrarmos diferenças estatisticamente significativas num maior número de variáveis psicológicas. As diferenças entre níveis competitivos permaneceram quando comparámos os atletas em função das divisões competitivas em que participam. Na comparação por níveis competitivos encontramos diferenças nas mesmas quatro (4) variáveis: autoconfiança, negativismo, atenção e motivação. É de interesse revelar que quando estas diferenças ocorreram, elas não se deram dentro do mesmo nível competitivo, ou seja, nunca aconteceram entre atletas regionais, mas entre divisões diferentes ou entre atletas nacionais, mas de divisões diferentes; elas sempre ocorreram entre atletas de níveis competitivos distintos. Evidenciando que o carácter cultural deverá ser tomado como um aspecto fundamental para compreender a construção do psiquismo, uma vez que este emerge da relação estabelecida entre o sujeito, o contexto onde se desenvolvem as acções e os agentes sócio-culturais que nele participam. Os sujeitos e os seus meios ambientes sociais e culturais cruzam suas identidades, constituindo-se de forma conexas, de modo a que seja identificarmos similaridades entre os sujeitos que têm experiências de padrões culturais (divisão) admitidos como comuns aos contextos em que se envolvem. Corroborando as propostas (41, 42) sugerem que, quanto mais próximo for o nível competitivo dos atletas, maiores similaridades de traços psicológicos se encontrarão, concluindo deste modo que “quanto maior for o nível de prestação dos atletas, mais importantes estes se tornam” (p.10). Os nossos dados confirmam os obtidos em outras investigações (3, 13, 22) que ao comparar atletas de níveis técnicos parecidos não encontram diferenças significativas entre as variáveis do PPP. Com tudo o que fora referido nesta secção, os nossos dados validam, substancialmente, as propostas de Vasconcelos-Raposo⁽⁴¹⁾ na medida em que também nós, com os resultados obtidos podemos “aceitar os factores psicológicos como sendo, efectivamente, indicadores de diferença entre os vários níveis de prestação atlética” (p.175). Assim, os nossos resultados estão de acordo com investigações que indicam que atletas de níveis competitivos superiores possuem habilidades psicológicas mais desenvolvidas (2, 5, 12, 14, 34, 37, 45).

Em relação às *posições em campo* dos atletas identificámos que os nossos valores gerais das variáveis do PPP estão de acordo com os encontrados em Portugal (2, 42) na medida em que também verificámos que os guarda-redes apresentaram os melhores índices de preparação psicológica e que os atacantes os piores. A “robustez mental” dos Guarda-redes é maior do que a dos atletas de ataque. Sendo que as variáveis que mais diferenciaram os primeiros dos demais atletas foram o negativismo para os três estudos e a atenção no nosso, em que os guarda-redes apresentaram, na variável da atenção, valores médios mais elevados que os meio-campistas. Outras pesquisas também verificaram que as posições às quais são atribuídas funções de criação e de planeamento das estratégias tácticas da equipa possuem os melhores valores quanto à visualização mental (2, 3, 42).

Tal como no presente estudo, diversas pesquisas que utilizaram o PPP constataram que a pior média geral foi obtida na variável psicológica do negativismo (2, 5, 12, 13, 22, 26, 35, 41). Sabendo-se que o controlo desta variável é reconhecido por vários teóricos da psicologia do desporto como fundamental na performance desportiva, diferenciando níveis competitivos de forma significativa. Notamos que é de extrema necessidade a implementação de um programa de treino mental que vise ultrapassar estas carências ao nível do psiquismo do competidor. Pois se o negativismo é a variável menos trabalhada pelos atletas e ao mesmo tempo é uma das que diferenciam de forma significativa aqueles de níveis competitivos superiores, seria de supor que os ganhos com o aperfeiçoamento do controlo desta variável se farão sentir nos resultados competitivos.

De entre todos os trabalhos que utilizaram o PPP, o único que indicou a visualização ou imagética como uma variável psicológica que diferenciou, significativamente, atletas de níveis competitivos foi o que estudou as modalidades de desporto individual (41). Isto revela-nos um aspecto importante, de que a visualização em desportos colectivos poderá ser menos influente do que em desportos individuais, sendo argumentado que isso se deve ao facto de estes últimos actuarem sozinhos de modo a planear e controlar as suas acções. Esta justificação ganha realce quando notamos que a maioria dos demais

trabalhos que analisaram o perfil psicológico de prestação e que assumiram a posição (sector) de jogo como variável independente verificaram que foi o atleta responsável pelo planeamento e execução das estratégias da equipa o que possuía os melhores índices quanto a esta habilidade psicológica (2, 3, 42). A teorização de Vasconcelos-Raposo (41) ajudam-nos a esclarecer uma importante constatação: o facto de termos verificado que a única variável que apresentou valores satisfatórios pelos atletas brasileiros de futebol profissional (pensamentos positivos) não surgiu como uma variável que diferencia significativamente os vários níveis competitivos da nossa amostra. Pois como afirmou aquele autor, o sistema desportivo promove a valorização de determinados aspectos que reforçam comportamentos específicos; de modo que podemos constatar uma estima cultural fazendo-se reflectir no comportamento individual dos atletas em questão tendo em vista que todos os níveis competitivos apresentaram esta habilidade psicológica desenvolvida de modo regular.

Sob o ponto de vista das posições em que actuam em campo, foi na variável dependente atenção que se encontraram diferenças estatisticamente significativas: os guarda-redes apresentaram níveis mais elevados do que os meio-campistas. Salientamos que os atletas de defesa foram os que obtiveram o segundo melhor nível, seguidos pelos atacantes. Isto vem corroborar, parcialmente, os resultados de outra pesquisa (28) com atletas de futebol que verificou que o grau de atenção dos jogadores foi proporcional à responsabilidade defensiva. Por outras palavras e de acordo com os autores, os valores mais elevados inferidos do teste foram encontrados nos guarda-redes, seguidos dos defensores, meio-campistas e atacantes, respectivamente. O que distingue os guarda-redes das demais posições é o facto de ser esta a única diferenciada dos demais companheiros de equipa: é a chamada “posição solitária”, pois o jogador é o único que desempenha tal função assim como está sujeito a regras que lhe são específicas assim existem outras normas com o objectivo de proteger o âmbito de acção durante o jogo.

A sua posição de jogo no campo favorece o desenvolvimento da imagética, uma vez que permanecendo no mesmo local para defender a sua baliza possibilita-lhe uma visão diferenciada do jogo. A atenção em despor-

tos abertos caracteriza-se por atender a informação visual da condição dos seus colegas de equipa e adversários, justamente característica exigida preponderantemente nos guarda-redes, de tal modo que esta necessidade se impõe na sua prática competitiva orientando-o para o seu desenvolvimento de modo a torná-la um processo que requer cada vez menos a atenção controlada. Segundo alguns autores (9, 29) os traços psicológicos como a atenção são fundamentais na prestação dos guarda-redes. Sobre os valores gerais das variáveis do *PPP*, os nossos dados vão ao encontro de outros realizados com amostras de jogadores portugueses na medida em que também verificámos que os guarda-redes possuíram os melhores índices de preparação psicológica e os atacantes os piores. Conforme os estudos que investigaram as diferenças por sectores (2, 3, 42) os nossos dados também sugerem que as posições a que são atribuídas funções de criação e de planeamento das estratégias tácticas da equipa possuem os melhores valores quanto à visualização mental. Estes dados levam-nos a perceber nuances acerca da delegação de funções específicas de cada posição em campo. Por exemplo, os atletas de meio-campo, responsáveis pela criação de jogadas, aqueles de quem se espera os lances de construção criativa e de soluções para o ataque, são os que possuem maiores níveis de visualização mental. Maçãs e Brito (27) definiram estas acções individuais de atletas de meio-campo e ataque afirmando que são aqueles que possuem a função de “assumir efectivamente a iniciativa do jogo (...), criando as condições mais favoráveis ao evoluir do jogo” (pp.10-11) sugerindo ainda que devem oferecer “melhores soluções tácticas para a resolução daquela situação momentânea” (p.13) sendo deles que se esperam as soluções para a conquista de posições mais ofensivas – através de passes, fintas, dribles, simulações e lançamentos – na procura pelo golo, afirmando ainda que é função deste sector “criar, ocupar e utilizar de forma eficiente os espaços de jogo (...), colocar jogadores livres de oposição directa dos adversários” (p.37). Sobre esta questão, Castelo (4) afirmou que “ao analisarmos o número de intervenções nas diferentes zonas, sectores e corredores do terreno em função dos jogadores com diferentes missões tácticas dentro do sistema de jogo da equipa, verifica-se que existem diferenças significativas” (p.277).

Justificamos esta proposição através de algumas evidências que indicam a efectividade da visualização mental em função da natureza da tarefa executada. As acções de natureza cognitiva como a percepção e tomada de decisão são mais beneficiadas com a visualização mental, de acordo com o que explicitámos acima para o caso dos atletas de meio-campo. Com relação ao *tempo de experiência* verificámos que houve correlações positivas e significativas com as variáveis psicológicas do *PPP*, o que concorda com os resultados que sugerem que o tempo de experiência dos atletas foi uma das variáveis determinantes para a classificação final de um torneio juvenil de basquetebol (35). Entretanto, outros trabalhos, com atletas de andebol (3), não encontraram correlação entre o tempo de experiência e as variáveis do *PPP*. Ao aprofundarmos a nossa análise, verificámos que houve correlações positivas e estatisticamente significativas com as variáveis psicológicas do *PPP*. Entretanto estas, por si próprias, não explicam a variância total desta relação, ou seja, é da maior importância promover o treino psicológico como prática sistemática e consistente de habilidades mentais ou psicológicas, como instrumento fundamental para o aprimoramento técnico e desportivo do atleta. Indo de encontro à sugestão de Vasconcelos-Raposo (41) de que “mais anos de treino tendem a conduzir a uma maior capacidade de esforço, resistência e empenhamento por parte dos indivíduos” (p. 174), complementando com uma importante consideração: “à medida que o indivíduo se torna mais maturo, maior parece ser o seu empenhamento no desenvolvimento e aperfeiçoamento das suas habilidades” (p.39). Mais ainda, “... como qualquer outra habilidade humana, também a qualidade de prestação desportiva é aprendida” (p.12).

Com o presente estudo constatamos que a mais forte correlação entre o tempo de experiência e as variáveis do *PPP* se deu com a variável negativismo. Ou seja, a pouca experiência dos atletas leva-os a terem mais dúvidas em relação às suas habilidades ou às suas capacidades para resolverem situações críticas de uma competição, elevando o nível de negativismo.

Os dados do nosso estudo vão ao encontro dos argumentos que sugerem que há a necessidade de diferenciar os atletas no treino, de acordo com “o sector

que ocupam na equipa, isto para que se possa fazer um trabalho de preparação psicológica que tenha por base as tarefas inerentes a cada posição de jogo” (42, p.48). Estes argumentos foram, também, constados por Weigand e Stockham (43) que afirmaram que as diferentes posições requerem habilidades específicas, considerando que atletas de equipas desportivas provavelmente desenvolvem mais algumas habilidades do que outras menos relevantes para a sua função.

CORRESPONDÊNCIA

José Vasconcelos Raposo

Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano,
Actividade Física e Saúde
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Rua Dr. Manuel Cardona
5000-558 Vila Real
Portugal
e-mail: psicologia.desporto@gmail.com

BIBLIOGRAFIA

1. Bull SJ, Albinson JG, Shambrook CJ (1996). *The mental game plan: Getting psyched for sport*. Eastbourne, UK: Sports Dynamics.
2. Carvalho FASV, Vasconcelos-Raposo J (1998). *Caracterização do perfil psicológico de prestação do jogador de futebol*. (Monografia). Vila Real: UTAD.
3. Casimiro ESO, Lázaro JPO (2004). *Determinação do perfil psicológico de prestação do jogador de andebol português: Diferenças entre a liga e a elite, as várias posições de campo, a idade e anos de experiência*. (Monografia). Vila Real: UTAD.
4. Castelo J (1992). *Conceptualização de um modelo técnico/tático de um jogo de futebol: identificação e caracterização das grandes tendências do jogo da equipa de rendimento superior*. (Tomo I) Tese de Doutoramento em Motricidade Humana apresentada na Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa.
5. Coelho AMA, Vasconcelos-Raposo J (1995). *Caracterização do perfil psicológico de prestação do jogador de basquetebol de acordo com o nível competitivo*. (Monografia). Vila Real: UTAD.
6. Csikszentmihaly M (1990). *Flow: The psychology of optimal experience*. New York: Harper Perennial.
7. Cumming J, Hall C (2002). Deliberate imagery practice: The development of imagery skills in competitive athletes. *Journal of Sports Sciences*, 20: 137-145..
8. Durand-Bush N, Salmela J (2002). The development and maintenance of expert athletic performance: Perceptions of world and Olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14: 154-171.
9. Esteves A, Monteiro M (2000). *A Importância do treino específico no guarda-redes de futebol*. Vila Real: UTAD. (Monografia).
10. Favret B, Benzel D (1997). *Complete guide to water skiing*. Champaign, IL: Human Kinetics.
11. Fourie S, Potgieter JR (2001). The nature of mental toughness in sport. *South African Journal for Research in Sport, Physical Education and Recreation*, 23 (2). (Abstract)
12. Golby J, Sheard M (2004). Mental toughness and hardness at different levels of rugby league. *Personality and Individual Differences*, 37: 933-942.
13. Golby J, Sheard M, Lavallee D (2003). A cognitive-behavioural analysis of mental toughness in national rugby league football teams. *Perceptual and Motor Skills*, 96: 455-462.
14. Gould D, Dieffenbach K, Moffett A (2002). Psychological characteristics and their development in Olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14: 172-204.
15. Gouldberg AS (1998). *Sports slump busting: 10 steps to mental toughness and peak performance*. Champaign, IL: Human Kinetics.
16. Graham S, Yocom G (1990). *Mental toughness training for golf*. Lexington, MA: The Stephen Greene Press.
17. Hanin YL (2000). *Emotions in sport*. Champaign, IL: Human Kinetics.
18. Hodge K (1994). Mental toughness in sport: Lessons for life. The pursuit of personal excellence. *Journal of Physical Education New Zealand*, 27: 12-16.
19. Jackson SA (1992). Athletes in flow: A qualitative investigation of flow states in elite figure skaters. *Journal of Applied Sport Psychology*, 4: 161-180.
20. Jackson SA (1995). Factors influencing the occurrence of flow state in elite athletes. *Journal of Applied Sport Psychology*, 7: 138-166.
21. Jones G, Hanton S, Connaughton D (2002). What is this thing called mental toughness? An investigation of elite sport performers. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14: 205-218.
22. Linhares AIA, Vasconcelos-Raposo J (1998). *Caracterização do perfil psicológico de prestação do jogador de basquetebol*. (Monografia). Vila Real: UTAD.
23. Loehr JE (1990). *La excelencia en los deportes*. México. Planeta.
24. Loehr JE (1995). *The new toughness training for sports*. New York: Plume.
25. Loher J (1986). *Mental toughness training for sports: Achieving athletic excellence*. Lexington, Massachusetts: The Stephen Green Press.
26. Luzio RPP, Vasconcelos-Raposo J (1995). *Caracterização do perfil psicológico de prestação do jovem futebolista: Comparação titular/suplente*. (Monografia). Vila Real: UTAD.
27. Maças V, Brito JJ (2000). *Os factores do jogo em futebol: As ações técnico-táticas*. Vila Real: UTAD.
28. Mendelsohn D (2000). Test de Toulouse-Pieron aplicado a jogadores de fútbol profesional Club El Porvenir, años 1996/98. *EF y Deportes*, 18. Recuperado em jun.2004, de: <http://www.efdeportes.com/efd18a/toulouse.htm>
29. Oliveira A (1996). *O guarda-redes de andebol*. (Tese de Mestrado). Porto: F.C.D.E.F.
30. Pankey B (1993). Presence of mind: Five ways to lower your class drop-out rate with mental toughness. *American Fitness*, 11: 18-19.
31. Pates J, Karageorghis C, Fryer R, Maynard I (2003). Effects of asynchronous music on flow states and shooting performance among netball players. *Psychology of Sport and Exercise*, 4: 415-427.
32. Pensgaard AM, Duda JL (2002). If we work hard, we can do it": a tale from an Olympic (gold) medallist. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14: 219-236.
33. Rotta T, Pacheco CV, Ortiz S, Costa Daniela (2001). *Avaliação de habilidades psicológicas no esporte: Uma das inteligências esportivas em atletas de diferentes modalidades e faixas etárias de Florianópolis*. Fundação Municipal de Esportes de Florianópolis: FME. Recuperado em mar.2004, de: <http://www.fmefpolis.sc.gov.br/napsie/docs/avalia%7c%7% c3o% 20de%20habilidades%20psicol%20gicas%20no%20esporte1.doc>
34. Silva D, Vasconcelos-Raposo J (2002). *O perfil psicológico de prestação e orientação cognitiva do jogador de futsal*. (Monografia). Vila Real: UTAD.
35. Silva PÁS, Vasconcelos-Raposo J (1997). *Duplicação do estudo das diferenças de perfil psicológico de prestação, ansiedade e orientação cognitiva entre quatro equipas juvenis de basquetebol segundo a classificação obtida*. (Monografia). Vila Real: UTAD.
36. Simões OJSNV, Vasconcelos-Raposo J (1995). *Diferenças de perfil psicológico de prestação, ansiedade e orientação cognitiva entre quatro equipas juvenis de basquetebol, segundo a classificação obtida*. (Monografia). Vila Real: UTAD.
37. Taylor J (1995). A conceptual model for integrating athletes` needs and sport demands in the development of competitive mental preparation strategies. *The Sport Psychologist*, 9: 339-357.
38. Thelwell R, Maynard I (2002). A triangulation of findings of three studies investigating repeatable good performance in professional cricketers. *International Journal of Sport Psychology*, 33: 247-268.

39. Thelwell R, Maynard I (2003). The effects of a mental skills package on “repeatable good performance” in cricketers. *Psychology of Sport and Exercise*, 4: 377-396.
40. Vasconcelos-Raposo J, Fernandes H, Lázaro J, Coelho E (1995). *Tradução e validação de três testes psicológicos: Perfil psicológico de prestação, orientação cognitiva para a tarefa e para o ego (TEOSQ) e teste de negativismo cognitivo, somática e autoconfiança (CSAI-2)*. Ensaios. Vila Real: SDE-UTAD.
41. Vasconcelos-Raposo J (1993). *Os factores psico-socio-culturais que influenciam e determinam a busca da excelência pelos atletas da elite desportiva portuguesa. (Tese de Doutoramento)*. Vila Real : UTAD.
42. Vasconcelos-Raposo J (1994). *Perfil Psicológico de Prestação em Futebol: Diferenças entre Jogadores Titulares e Suplentes*. Vila Real: UTAD.
43. Weigand DA, Stockham KJ (2000). The importance of analyzing position-specific self-efficacy. *Journal of Sport Behavior*, 23 (1): 61-69.
44. Weinberg RS, Gould D (2001). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. Porto Alegre: Artes Médicas.
45. Williams JM (Ed.) (2001). *Applied sport psychology: Personal growth to peak performance*. Mountain View, CA: Mayfield.
46. Williams JM, Krane V (2001). Psychological characteristics of peak performance. In J.M. Williams (Ed.), *Applied sport psychology: Personal growth to peak performance* (pp.137-147). Mountain View, CA: Mayfield.
47. Woods R, Hocton M, Desmond R (1995). *Coaching tennis successfully*. Champaign, IL: Human Kinectics.